

## INTERVENÇÃO ASSISTIDA POR ANIMAIS E SEUS EFEITOS NO BEM-ESTAR E SAÚDE MENTAL DE IDOSOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Caroline Bittencourt Miranda  
Mestre em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e pesquisadora do Laboratório de Biologia Celular e Tecidual (LBCT/UENF)  
[carolbitten151@gmail.com](mailto:carolbitten151@gmail.com)

Valtair Afonso Miranda  
Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPL/UENF)  
[valtairmiranda@gmail.com](mailto:valtairmiranda@gmail.com)

Rosalee Santos Crespo Istoe  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPL/UENF)  
[rosaleeistoe@gmail.com](mailto:rosaleeistoe@gmail.com)

Elizete Maria Bittencourt Soares Miranda  
Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PGCL/UENF)  
[elizetemiranda@gmail.com](mailto:elizetemiranda@gmail.com)

Flavio Martins da Silva  
Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PGCL/UENF)  
[martinsflaviosilva@gmail.com](mailto:martinsflaviosilva@gmail.com)

### RESUMO

O aumento da expectativa de vida e a incidência crescente de doenças crônicas, como demência e Alzheimer, têm estimulado a busca por alternativas terapêuticas inovadoras. Nesse contexto, a terapia assistida por animais (TAA) vem se consolidando como uma intervenção complementar eficaz na promoção da saúde mental e na melhoria da qualidade de vida de idosos. Este estudo, baseado em uma revisão integrativa, analisou artigos recentes que investigam os efeitos da TAA sobre variáveis como cognição, ansiedade, depressão, solidão e sintomas comportamentais. Os resultados demonstram que a interação com animais promove benefícios psicológicos, fisiológicos e sociais, incluindo redução de estresse e melhora do bem-estar. Em idosos com comprometimento cognitivo, pesquisas indicaram melhora transitória da memória, atenção e engajamento social. A TAA é vista como um valioso complemento interdisciplinar aos cuidados geriátricos, embora mais pesquisas rigorosas sejam necessárias para confirmar plenamente seus efeitos.

**Palavras-chave:** intervenções assistidas por animais, saúde mental, idosos.

## ABSTRACT

Increased life expectancy and the rising incidence of chronic diseases, such as dementia and Alzheimer's, have stimulated the search for innovative therapeutic alternatives. In this context, animal-assisted therapy (AAT) has been consolidating itself as an effective complementary intervention for promoting mental health and improving the quality of life of older adults. This study, based on an integrative review, analyzed recent articles investigating the effects of AAT on variables such as cognition, anxiety, depression, loneliness, and behavioral symptoms. The results demonstrate that interaction with animals promotes psychological, physiological, and social benefits, including stress reduction and improved well-being. In older adults with cognitive impairment, research has indicated transient improvements in memory, attention, and social engagement. AAT is seen as a valuable interdisciplinary complement to geriatric care, although more rigorous research is needed to fully confirm its effects.

**Keywords:** animal-assisted interventions, mental health, elderly.

### 1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que redefine o panorama da saúde pública, tornando a promoção do bem-estar emocional, da qualidade de vida e da saúde mental na terceira idade uma prioridade incontornável. Este grupo etário enfrenta desafios intrínsecos e extrínsecos ao processo de envelhecer, como a exacerbação da solidão e do isolamento social, o inevitável declínio cognitivo e, em contextos mais vulneráveis, a institucionalização. Tais fatores contribuem significativamente para a alta prevalência de transtornos mentais, sintomas psicológicos e comportamentais, e uma redução geral na satisfação com a vida.

Nesse cenário, estratégias terapêuticas que transcendem o modelo puramente farmacológico vêm ganhando destaque como abordagens complementares e integrativas. Entre elas, as Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) consolidam-se como uma alternativa promissora. Segundo a *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO), as IAAs são definidas como intervenções estruturadas, orientadas a objetivos e que incluem intencionalmente animais em contextos de saúde, educação ou serviços humanos. O seu propósito fundamental é alcançar ganhos terapêuticos em humanos, baseando-se no estabelecimento e na exploração do Vínculo Humano-Animal (VHA) (IAHAIO, 2014).

O recorte específico desta análise concentra-se em três eixos principais: os efeitos das IAAs sobre as capacidades cognitivas, os processos de memória e o bem-estar de pessoas com Doença de Alzheimer; o valor acrescentado pela presença do animal em intervenções psicossociais estruturadas; e, por fim, a amplitude dos benefícios para a saúde mental e a qualidade de vida da população idosa em geral, considerando tanto a participação em IAAs quanto a comparação com os impactos associados à posse de animais de companhia.

Metodologicamente, esta revisão integrativa utilizou de dados provenientes de quatro naturezas de estudo: 1) Um ensaio clínico experimental avaliando a DAT em pacientes com Doença de Alzheimer, utilizando medições padronizadas como o *Mini-Mental State Examination* (MMSE), a *Alzheimer's Disease Assessment Scale* (ADAS) e o Questionário de Bem-Estar e Capacidade Cognitiva (*Brief Assessment Cognition* ou BAC), com acompanhamento longitudinal (QUINTAVALLA *et al.*, 2021); 2) Um estudo de intervenção controlada (dentro do sujeito) para determinar o valor acrescentado de um cão na intervenção psicossocial em residentes de lares com demência, utilizando codificação de vídeo para interação social e expressão emocional (WESENBERG *et al.*, 2018); 3) Uma Revisão Sistemática Narrativa (SLR) sobre animais de companhia e saúde em populações idosas (HUGHES *et al.*, 2019); e 4) um estudo qualitativo fenomenológico que explorou, por meio de entrevistas em profundidade, as percepções de idosos sobre o vínculo humano-animal, destacando a influência subjetiva e emocional da convivência com animais no bem-estar e na experiência de envelhecer (GAN *et al.*, 2019).

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. A Revolução da Longevidade**

Nas últimas décadas, inúmeras transformações têm ocorrido no cenário social, alterando profundamente a forma como compreendemos o último ciclo da vida humana. O Brasil, acompanhando uma tendência global, caminha rapidamente em direção a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido, apontando modificações estruturais em sua pirâmide etária que se constituem em um desafio social emergente. Pesquisadores têm se voltado para a compreensão das necessidades e características dessa população idosa, buscando identificar os fatores que influenciam a qualidade de vida e a promoção de um envelhecimento ativo. Estamos diante do que podemos chamar de uma grande conquista da humanidade, mas que traz consigo desafios para toda a sociedade, gerando um aumento exponencial de demandas econômicas, sociais, tecnológicas, de saúde, educacionais e previdenciárias.

Para entender este novo cenário, é importante compreender o processo de envelhecimento e a etapa da velhice como duas esferas distintas, com definições e conceitos particulares a cada uma, porém que se configuram como campos complementares. Devemos buscar compreender o envelhecimento como um processo singular e peculiar, que se relaciona diretamente com as influências recebidas durante a trajetória de vida de cada indivíduo (OPAS, 1993). Já a velhice deve ser vista como um estado resultante deste processo, vivenciada de acordo com as possibilidades contextuais em que o sujeito se insere. Tanto envelhecimento quanto a velhice são dois âmbitos que se configuram contextualmente. Não são iguais para todos. Cada pessoa os experimenta de forma única (FARINATTI, 2008).

O processo de envelhecimento não pode ser visto do mesmo modo em todos os países do mundo, tendo em vista a disparidade existente entre as realidades de cada nação. Dados colhidos pela ONU e OMS mostram abismos sociais significativos, onde países como Uganda e Serra Leoa apresentam expectativas de vida em torno de 40 anos, enquanto na Bélgica essa expectativa alcança os 78 anos. Com o avanço do envelhecimento da população brasileira, há indicativos de que a situação se agravará no decorrer dos anos, exigindo uma postura proativa tanto do Estado quanto da sociedade civil (WHO, 2005).

Diante dessa complexidade, o conceito de "Envelhecimento Ativo" torna-se central. À medida que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade de manter autonomia, independência e funcionalidade. O curso da vida é influenciado por valores, maturação física, expectativas sociais, oportunidades e recursos, gerando a necessidade de um constante ajustamento às demandas preventivas ou de intervenção que emergem ao envelhecer. Portanto, para que o envelhecimento ativo possa acontecer, é preciso que se desenvolvam políticas públicas e programas que proporcionem saúde mental e relações sociais tão necessárias quanto aquelas que melhoram as condições físicas de saúde (FARIAS; SANTOS, 2012).

Precisamos, com urgência, revisar a nossa concepção cronológica da existência. Tradicionalmente, o curso da vida era dividido em três etapas rígidas: pouco tempo de estudo na juventude, um longo tempo de trabalho na vida adulta e, finalmente, pouco tempo de aposentadoria, muitas vezes associada à ideia de incapacidade. Hoje, esse modelo está obsoleto. Com o fenômeno da longevidade, as reflexões sobre o envelhecimento ativo se tornaram mais relevantes, uma vez que uma vida longa demanda estratégias para uma vida com mais qualidade.

O novo paradigma sugere um curso de vida onde a aprendizagem é estendida e constante, o trabalho envolve atualização contínua e os períodos de aposentadoria são mais longos e produtivos (RAMOS, 2014). O foco passa a ser a aprendizagem continuada ao longo da vida, a manutenção de vínculos e o fortalecimento do papel social do idoso. Muito do nosso comportamento individual está diretamente relacionado com as nossas expectativas sobre os anos de vida que restam. As decisões sobre

investimentos em capital humano e consumo são influenciadas por essa percepção do tempo.

Envelhecer demanda resiliência, que é a capacidade individual de resistir às adversidades com flexibilidade e adaptação, sendo considerada como um resultado de interação entre fatores ambientais e genéticos que podem atuar como fatores de proteção ou de risco. Ela é compreendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida e, em vários momentos, é interpretada como uma ponte entre os processos de enfrentamento e desenvolvimento (ILC-Brasil, 2015). O objetivo final de um curso de vida ativo na velhice é otimizar a capacidade funcional, atender às necessidades básicas, continuar a aprender, crescer, tomar decisões, movimentar-se, construir relacionamentos e contribuir para a sociedade com bom humor e adaptação.

Assim, diante da complexidade de promover um envelhecimento que não apenas acrescente anos à vida, mas vida aos anos, torna-se essencial explorar estratégias que fortaleçam a resiliência e a manutenção de vínculos afetivos, pilares fundamentais para a saúde mental e emocional nesta etapa da existência. Neste contexto, a interação entre humanos e animais ultrapassa a simples companhia doméstica e se revela uma ferramenta terapêutica de impacto significativo. Ao integrarmos o cuidado e o afeto proporcionados pelos animais de estimação às práticas de saúde, abrimos novas perspectivas para o enfrentamento do isolamento e para o estímulo da vitalidade física e cognitiva, configurando uma abordagem que humaniza e dinamiza o processo de envelhecer.

## **2.2. O Vínculo Humano-Animal (VHA) como Alicerce Terapêutico**

A relação entre humanos e animais é investigada sob o prisma do Vínculo Humano-Animal (VHA), uma conexão afetiva de natureza recíproca e dinâmica que gera uma série de benefícios psicológicos, fisiológicos e sociais. A relevância do VHA se intensifica no contexto do aumento da institucionalização e da incidência de demências. As IAAs surgem, portanto, como uma solução particularmente adequada, pois se configuram como terapias complementares, não invasivas, com mínimos efeitos secundários e, frequentemente, com custos operacionais potencialmente menores em comparação com a complexidade e os riscos de terapias farmacológicas (QUINTAVALLA et al., 2021).

A literatura (GAN et al., 2019; HUGHES et al., 2019) atesta que este vínculo funciona como um poderoso antídoto contra a solidão e o desamparo, promovendo um aumento no senso de propósito e facilitando a interação social, elementos reconhecidos como pilares da saúde mental na velhice. A percepção do animal como fonte de amor incondicional e a interação tátil (como o ato de acariciar) satisfazem necessidades sensoriais e afetivas cruciais. Além disso, a presença do animal introduz rotinas e um sentido de propósito comparável à experiência de “parentalidade”, funcionando como motivação para manter atividades diárias e reforçando a autonomia. Sabe-se que um forte sentido de propósito está associado a menor risco de fragilidade e incapacidade, indicando que o VHA pode exercer papel protetor significativo.

Entretanto, os efeitos do companheirismo animal sobre depressão e ansiedade podem variar. A revisão de Hughes *et al.* (2019) identifica que essa inconsistência decorre, em parte, da responsabilidade inerente à posse de animais, que envolve cuidados contínuos e custos financeiros, os quais podem representar um fardo para idosos com limitações econômicas ou de saúde. Nesses casos, a responsabilidade pode aumentar o estresse e até agravar sintomas depressivos. As IAAs estruturadas, por outro lado, preservam os benefícios emocionais e sociais do VHA sem transferir ao idoso o ônus do cuidado permanente, constituindo assim uma alternativa mais equilibrada e segura.

Entre os animais envolvidos em IAAs, os cães são frequentemente selecionados como coterapeutas preferenciais devido às suas características etológicas e à capacidade de estabelecer comunicação ativa e relações cooperativas com humanos. No estudo de Quintavalla *et al.* (2021), foram utilizados cães treinados segundo a

abordagem zootropológica cognitiva, que privilegia os aspectos mentais e emocionais dos animais para consolidar uma relação baseada na confiança e no respeito mútuo, evidenciando a centralidade do bem-estar animal no êxito terapêutico.

### 2.3. A Neurobiologia do Vínculo

A eficácia do Vínculo Humano-Animal (VHA) tem sido cada vez mais respaldada por evidências neurobiológicas. Pesquisas demonstram que a interação positiva e segura entre humanos e animais, especialmente cães, está associada à liberação de neurotransmissores e hormônios que influenciam diretamente o humor, o estresse e a formação de laços afetivos. Estudos utilizando ressonância magnética funcional (fMRI) e análises hormonais indicam que o contato com o animal pode aumentar significativamente os níveis de oxitocina — hormônio relacionado à vinculação social, ao apego e à redução da ansiedade — além de modular vias dopaminérgicas e serotoninérgicas, estimulando o sistema de recompensa, intensificando sentimentos de prazer e motivação, e contribuindo para a regulação do humor e para a diminuição de sintomas depressivos. Evidências adicionais mostram que interações humano-cão aumentam concentrações de oxitocina, prolactina, beta-endorfina e dopamina, reforçando a base fisiológica do vínculo afetivo (ODENDAAL; MEINTJES, 2003).

Outro efeito amplamente documentado é a redução dos níveis de cortisol, o principal hormônio associado ao estresse, após interações com animais. Essa diminuição traduz-se em menor tensão fisiológica e redução da pressão arterial, produzindo benefícios cardiovasculares que podem se estender a longo prazo (HUGHES et al., 2019; ODENDAAL; MEINTJES, 2003). A compreensão desses mecanismos neurobiológicos reforça que o animal não atua apenas como mediador social ou facilitador relacional, mas como um agente capaz de desencadear mudanças fisiológicas mensuráveis que sustentam e ampliam o bem-estar psicológico.

### 2.4. Padronização da IAHAIO

A IAHAIO padronizou a terminologia utilizada na área, definindo as IAAs como intervenções estruturadas e orientadas a objetivos que incorporam animais com a finalidade de promover ganhos terapêuticos. Dentro desse enquadramento, distinguem-se três modalidades principais: a Terapia Assistida por Animais (TAA), caracterizada como intervenção terapêutica planejada e direcionada por profissionais licenciados — cujos resultados são medidos e documentados, visando o aprimoramento do funcionamento físico, cognitivo, comportamental e socioemocional; a Educação Assistida por Animais (EAA), estruturada para o alcance de objetivos acadêmicos, desenvolvimento de habilidades pró-sociais e apoio cognitivo, conduzida por profissionais de educação qualificados; e a Atividade Assistida por Animais (AAA), que consiste em interações informais, embora planejadas e orientadas por objetivos, com finalidades motivacionais, educacionais ou recreativas, realizadas por equipes humano-animal com formação introdutória (IAHAIO, 2014).

A IAHAIO (2014) incorporou o princípio “*One Health*” (Saúde Única), que reconhece a interdependência entre a saúde e o bem-estar de humanos, animais e do ambiente. Esse princípio tornou-se um dos pilares éticos das IAAs, ao estabelecer que práticas terapêuticas só podem ser consideradas responsáveis quando garantem condições adequadas para todos os seres envolvidos. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de monitorização contínua do bem-estar físico e psicológico dos animais coterapeutas, assegurando que se encontrem saudáveis, descansados, confortáveis e devidamente cuidados tanto durante quanto após as sessões. Medidas dessa natureza são essenciais para evitar sobrecarga, estresse ou sofrimento animal, elementos que não apenas comprometem a ética da intervenção, mas afetam diretamente a qualidade terapêutica.

Outro componente fundamental do princípio “*One Health*” diz respeito à seleção e ao treinamento dos animais. Os cães, frequentemente escolhidos devido às suas características etológicas e à sua capacidade de comunicação e cooperação, devem

ser preparados com base em abordagens que respeitem seus estados cognitivos e emocionais, como a abordagem zootropológica cognitiva, que prioriza a construção de uma relação de confiança e respeito mútuo (QUINTAVALLA et al., 2021). Além disso, a prevenção de zoonoses é um requisito essencial, demandando avaliações veterinárias regulares, vacinação atualizada e rigoroso controle parasitário. A adoção dessas práticas assegura que as IAAs se desenvolvam em um contexto de responsabilidade ética e sustentabilidade, garantindo que a intervenção beneficie humanos sem comprometer o bem-estar dos animais envolvidos.

### **3. DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

O foco das Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) recai sobre o aprimoramento holístico da qualidade de vida e do bem-estar psicológico e comportamental, permitindo uma análise interdisciplinar dos seus efeitos, que abrangem dimensões cognitivas — especialmente relevantes na Doença de Alzheimer (DA) —, emocionais, como prazer e humor, e comportamentais, incluindo sintomas psicológicos e comportamentais da demência (BPSD) e interação social.

#### **3.1. Impacto Cognitivo e de Bem-Estar na Doença de Alzheimer**

O estudo experimental de Quintavalla *et al.* (2021) examinou os efeitos da terapia assistida por cães ao longo de 12 semanas, comparando um grupo submetido à intervenção com um grupo controle. Os participantes expostos à terapia demonstraram melhorias significativas no bem-estar percebido, registradas por meio do BAC, com ganhos expressivos em satisfação pessoal, estratégias de “*coping*” (enfrentamento emocional) e habilidades emocionais, indicando que a terapia influenciou positivamente a forma como os pacientes avaliavam seu próprio estado emocional. Do ponto de vista cognitivo, os resultados também foram favoráveis, com melhorias mensuráveis no MMSE e no ADAS entre os participantes da intervenção: mulheres tiveram um aumento de 3,6 pontos e homens de 4 pontos, contrastando com o declínio cognitivo observado no grupo controle. Esses achados sugerem que a presença do animal exerce efeitos benéficos sobre funções cognitivas e de memória, assim como na qualidade de vida dos pacientes com DA.

Entretanto, o acompanhamento posterior, realizado dois meses após o término das sessões, revelou que os efeitos positivos não se mantiveram na ausência contínua do animal, com regressão dos resultados em direção aos valores basais. Esse declínio evidencia que os benefícios das IAAs dependem do contacto consistente com o animal, sugerindo que intervenções mais frequentes ou distribuídas em intervalos mais curtos podem ajudar a retardar a progressão dos sintomas em pessoas com DA, embora não revertam o curso degenerativo da doença.

#### **3.2. O Animal como Catalisador Social e Emocional**

O estudo de Gan *et al.* (2019), com abordagem fenomenológica, mostrou que idosos que convivem com animais de estimação relatam benefícios subjetivos profundos, tais como conforto emocional, redução da solidão, motivação para atividades diárias e sensação de segurança. Esses achados enfatizam a importância do vínculo afetivo, sugerindo que o simples convívio cotidiano pode promover resiliência emocional e prevenir sintomas depressivos.

Já o estudo de Wesenberg *et al.* (2018), centrado em residentes de lares com demência, buscou determinar se a presença do cão acrescentava valor a uma intervenção psicossocial. Os resultados demonstraram que a inclusão do animal gerou um aumento substancial nas interações sociais, que se tornaram mais frequentes e prolongadas, sobretudo por meio de contacto físico, trocas não verbais e movimentos corporais — formas de comunicação que tendem a ser preservadas por mais tempo em indivíduos com demência. A duração das emoções positivas também foi significativamente maior na condição com cão, indicando que a presença do animal contribuiu de forma relevante para o bem-estar emocional dos participantes, com

reações negativas raramente observadas. Embora o estudo não tenha identificado diferenças significativas nos BPSD devido à baixa ocorrência desses sintomas na amostra, a literatura revisada por Hughes *et al.* (2019) sugere que IAAs tendem a reduzir agitação e outros BPSD em populações mais amplas.

### **3.3. Posse de Animais versus Intervenção Estruturada**

A revisão sistemática de Hughes *et al.* (2019) oferece uma visão abrangente dos efeitos tanto da posse de animais quanto das IAAs sobre a saúde mental de idosos. A qualidade de vida mostrou melhora consistente nos estudos avaliados, com ganhos nas dimensões física, cognitiva e na satisfação com a vida. Quanto ao humor, a presença e interação com animais demonstraram, em diversos estudos, atenuar sintomas de depressão e ansiedade, atuando como um elemento protetor, ainda que os resultados não sejam uniformes. A inconsistência decorre, em grande parte, da distinção entre posse e intervenção: enquanto as IAAs removem a carga de responsabilidade sobre o idoso e entregam apenas os benefícios do vínculo, a posse de animais pode impor exigências financeiras e de cuidado que se tornam estressoras para alguns indivíduos.

Em termos cognitivos, a revisão indica que o companheirismo animal não produz efeitos robustos ou consistentes na função cognitiva global; contudo, em contextos de IAAs, há relatos de manutenção de capacidades cognitivas, o que reforça a utilidade dessas intervenções como estratégia de suporte contínuo (HUGHES *et al.*, 2019). Os benefícios físicos associados — como aumento da atividade física, maior probabilidade de atingir metas de exercício, redução da pressão arterial e melhora da variabilidade da frequência cardíaca — demonstram que os efeitos das interações humano-animal estendem-se para além do domínio emocional, representando um contributo relevante para o bem-estar integral.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conjunto das evidências analisadas valida a hipótese de que a Intervenção Assistida por Animais (AAI) é uma estratégia robusta e justificada para a promoção do bem-estar e da saúde mental de idosos, incluindo pacientes com Doença de Alzheimer.

As IAAs com cães demonstraram consistentemente a capacidade de estimular o bem-estar percebido e de induzir emoções positivas (prazer) de forma significativamente mais acentuada do que intervenções psicossociais similares sem a presença do animal. Os animais funcionam como catalisadores sociais e emocionais, promovendo o toque, a interação e a comunicação não verbal, que são cruciais para idosos com comprometimento cognitivo. A nível de saúde mental, as IAAs são mais consistentes na melhoria da Qualidade de Vida e dos Sintomas Comportamentais e Psicológicos da Demência (BPSD).

A principal conclusão prática extraída do estudo experimental com pacientes com DA é a temporalidade dos benefícios. Os ganhos cognitivos e de bem-estar regrediram para os valores iniciais dois meses após o término das sessões. Isto prova que a eficácia das IAAs está limitada à fase ativa de contacto e reforça a necessidade de as intervenções serem contínuas ou frequentes para manter os resultados positivos, mitigando o avanço da doença degenerativa.

Considerações finais também apontam para a importância de os clínicos e as instituições diferenciarem entre a posse de animais (que oferece propósito e rotina, mas impõe o ónus da responsabilidade) e as IAAs (que oferecem benefícios imediatos sem a carga). Para otimizar o bem-estar dos idosos, as intervenções devem ser adaptadas às suas necessidades e interesses específicos (abordagem centrada no paciente). Além disso, futuras investigações são necessárias para avaliar o impacto das IAAs nos familiares e na equipa de cuidadores, a fim de obter uma visão mais ampla das interações complexas no ambiente de cuidado.

Assim, conclui-se que as IAAs representam uma alternativa complementar valiosa às abordagens tradicionais em gerontologia e saúde mental, oferecendo benefícios emocionais, sociais e cognitivos de forma não invasiva e acessível. No entanto, a

consolidação dessa prática depende de maior padronização dos protocolos, rigor metodológico e formação especializada dos profissionais envolvidos. O avanço nessas áreas permitirá integrar as IAAs de modo seguro, eficaz e sustentável ao cuidado integral da população idosa.

## 5. REFERÊNCIAS

FARIAS, R. G.; DOS SANTOS, S. M. A. Influência dos determinantes do envelhecimento ativo entre idosos mais idosos. Sistema de Información Científica Redalyc – Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/714/71422299019/>. Acesso em: 15 out. 2018.

FARINATTI, P. T. V. Envelhecimento, promoção da saúde e exercício: bases teóricas e metodológicas. Barueri: Manole, 2008.

GAN, G. Z. H.; HILL, A.-M.; YEUNG, P.; KEESING, S.; NETTO, J. A. Pet ownership and its influence on mental health in older adults. *Aging & Mental Health*, v. 24, n. 9, p. 1-9, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/13607863.2019.1633620>.

HUGHES, M. J.; VERREYNNE, M.-L.; HARPUR, P.; PACHANA, N. A. Companion animals and health in older populations: a systematic review. *Clinical Gerontologist*, v. 43, n. 4, p. 1-13, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/07317115.2019.1650863>.

IAHAIO; JEGATHEESAN, B.; BEETZ, A.; ORMEROD, E.; JOHNSON, R.; FINE, A.; YAMAZAKI, K.; DUDZIK, C.; GARCIA, R. M.; WINKLE, M.; CHOI, G. IAHAIO guidelines on definitions of terms used in animal assisted intervention, animal assisted activity, and kinds of animals involved and their welfare. *IAHAIO White Paper*, 2014. Disponível em: <https://iahaio.org/wp-content/uploads/2015/07/iahaio-white-paper-final-nov-24-2014.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ILC-BRASIL. Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade. 2015.

QUINTAVALLA, F.; CAO, S.; SPINELLI, D.; CAFFARRA, P.; ROSSI, F. M.; BASINI, G.; SABBIONI, A. Effects of dog-assisted therapies on cognitive mnemonic capabilities in people affected by Alzheimer's disease. *Animals*, v. 11, n. 5, p. 1366, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/ani11051366>.

ODENDAAL, J. S.; MEINTJES, R. A. Neurophysiological correlates of affiliative behaviour between humans and dogs. *The Veterinary Journal*, v. 165, n. 3, p. 296-301, maio 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/s1090-0233\(02\)00237-x](https://doi.org/10.1016/s1090-0233(02)00237-x).

OPAS – ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. Enfermería gerontología: conceptos para la práctica. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1993.

RAMOS, P. R. B. Curso de direito do idoso. São Paulo: Saraiva, 2014.

WESENBERG, S.; MUELLER, C.; NESTMANN, F.; HOLTHOFF-DETTO, V. Effects of an animal-assisted intervention on social behaviour, emotions, and behavioural and psychological symptoms in nursing home residents with dementia. *Psychogeriatrics*, v. 18, n. 5, p. 1-11, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/psyq.12385>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em:



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM  
SOCIAIS E HUMANIDADES

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). Acesso em: 14 out. 2018.